

O ESTÁGIO PARA ESTUDANTES DE PEDAGOGIA NA UFPB: MOTIVAÇÕES E VIVÊNCIA

THE INTERNSHIP FOR PEDAGOGY STUDENTS AT UFPB: MOTIVATIONS AND EXPERIENCE

EL PERIODO DE PRÁCTICAS PARA LOS ESTUDIANTES DE PEDAGOGÍA UFPB: MOTIVACIONES Y EXPERIENCIA

Alan Leite MOREIRA¹

Ana Paula Furtado Soares PONTES²

RESUMO: O presente trabalho teve por objetivo caracterizar e discutir a motivação e a vivência do estágio não obrigatório desenvolvido por estudantes de Pedagogia que atuam em setores/projetos não diretamente relacionados ao ensino na Universidade Federal da Paraíba. Foi realizada uma entrevista semiestruturada com a coordenadora de estágio da instituição, com os supervisores/orientadores de estágio e com os estagiários. O tratamento desses dados se deu por meio da análise de conteúdo. A partir das falas dos sujeitos referenciadas, considerou-se que, apesar da Universidade ter uma motivação para a oferta das vagas aos estudantes de Pedagogia distinta das pretensões desses acadêmicos, ainda assim, o estágio proporciona aos estagiários uma experiência que contribui para uma melhor formação dos estudantes, embora careça de aperfeiçoamento.

Palavras-chave: Estágio. Pedagogia. Universidade.

ABSTRACT: The present work aimed at characterizing and discussing motivation and experience of non-compulsory internship fulfilled by Pedagogy students who act in sectors / projects not directly related to teaching at Federal University of Paraíba. A semi-structured interview was conducted with the institution's internship coordinator, supervisors / trainers and interns. The treatment of these data was performed through the content analysis. Based on the mentioned individuals' speeches, it was considered that despite the fact that the University is motivated for providing vacancies for students of Pedagogy, distinct from the pretensions of these academics, nevertheless, the internship grants the scholarships and trainees students an experience that contributes to their better formation, although it needs improvement.

Keywords: Internship. Pedagogy. University.

RESUMEN: Este estudio tuvo como objetivo caracterizar y analizar la motivación y la experiencia de la formación no obligatoria desarrollado por estudiantes de pedagogía que trabajan en sectores / proyectos que no están directamente relacionadas con la educación en Universidad Federal de Paraíba. Se realizó una entrevista semiestruturada con la coordinadora de prácticas de la institución, con los supervisores / orientadores de prácticas y con los pasantes. El tratamiento de estos datos está dada por el análisis de contenido. A partir de los discursos del sujeto que se hace referencia, se consideró que, si bien la universidad tiene una motivación para el suministro de asientos para separar las estudiantes de pedagogía de las pretensiones de estos estudiosos, sin embargo, la

¹ Mestre em Políticas Públicas, Gestão e Avaliação da Educação Superior. Universidade Federal da Paraíba. E-mail: alanpb@hotmail.com.

² Doutora em Educação. Universidade Federal da Paraíba. E-mail: anaufpb@gmail.com.

etapa de aprendices da una experiencia que contribuye a una mejor formación estudiantes, pero necesita mejoras.

Palabras clave: Etapa. Pedagogía. Universidad.

Introdução

Durante o percurso formativo dos estudantes de graduação, o estágio possibilita uma primeira aproximação a sua futura prática profissional, sendo a integração teoria-prática o eixo dessa experiência formativa. Esse processo favorece a oportunidade de ampliação e fortalecimento de saberes, conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias ao exercício profissional.

Atualmente regulamentado pela Lei federal Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, o estágio é compreendido como:

[...] ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular [...] faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando [...] que visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho (BRASIL, 2008, p. 1).

Para que a atividade se configure efetivamente como estágio, essa Lei também prevê a observação de alguns requisitos, tais como: celebração de Termo de Compromisso de Estágio (TCE) e de Plano de Atividades de Estágio (PAE), entre o educando, a parte concedente do estágio e a instituição de ensino; acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente; apresentação periódica do educando de relatório das atividades, em prazo não superior a 6 (seis) meses; seguro contra acidentes pessoais em favor do estagiário; dentre outros.

A legislação supracitada disciplinou ainda que, conforme determinação das diretrizes curriculares da etapa, modalidade e área de ensino e do projeto pedagógico do curso, o estágio poderá ser obrigatório, quando é definido como tal no projeto do curso. Assim definido, o cumprimento de sua carga horária é requisito para a aprovação e a obtenção de diploma ou, ainda, não obrigatória, quando é desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória (BRASIL, 2008).

De acordo com o artigo 12, “o estagiário poderá receber bolsa ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordada, sendo compulsória a sua concessão, bem como a do auxílio-transporte, na hipótese de estágio não obrigatório” (BRASIL, 2008, p. 3).

No que se refere, especificamente, à aceitação de estagiários no âmbito da administração pública federal, a Orientação Normativa do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão (MPOG), Nº 02/2016, de 24 de junho de 2016, estabelece orientações aos órgãos e entidades da Administração Federal, dentre estes as Universidades Federais. Além de reafirmar alguns dispositivos da Lei Nº 11.788/2008, como novidade, esta legislação estabeleceu desde o limite do quantitativo de estagiários, o valor da bolsa e do auxílio-transporte, a previsão de faltas justificadas, a redução da carga horária nos períodos de avaliação, os períodos proporcionais de recesso remunerado no estágio, até os casos de desligamento.

No âmbito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a Resolução do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) da UFPB Nº 16, de 11 de maio de 2015, que aprovou o regulamento dos cursos regulares de graduação da Instituição, ao considerar que o estágio poderá ser desenvolvido nas modalidades obrigatório ou não obrigatório, ainda regulamentou que estes podem ser “interno” ou “externo”. “Interno” quando é desenvolvido nos setores administrativos/acadêmicos dos *campi* da própria Universidade e “externo” quando é desenvolvido em instituições/empresas conveniadas e não pertencentes aos *campi* da UFPB (UFPB, 2015).

Quanto à realização do estágio não obrigatório interno, desenvolvido na própria Instituição, a UFPB, como autarquia federal e detentora de autonomia, contrata estudantes para atuarem como estagiários em seus diversos ambientes de trabalho, concedendo compulsoriamente bolsa de R\$ 364,00 (trezentos e sessenta e quatro reais) e auxílio-transporte de R\$ 132,00 (cento e trinta e dois reais).

Tal contratação, também é regulamentada, na UFPB, por meio da Instrução Normativa Conjunta PROGEP/PROPLAN/PRG/GR³ Nº 01, de 20 de setembro de 2016, que dispõe sobre os procedimentos relativos à solicitação da contratação de estagiários, modalidade de estágio curricular supervisionado não obrigatório interno (bolsa-estágio) para o âmbito dos setores administrativos e acadêmicos da UFPB.

³ Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP), Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento (PROPLAN), Pró-Reitoria de Graduação (PRG) e Gabinete da Reitoria (GR)

Nessa pesquisa, partimos do pressuposto de que, apesar dos esforços e investimentos empregados, nem sempre os estágios contribuem para o desenvolvimento das aptidões e competências pretendidas, devido a dificuldades existentes. Na maioria das vezes, atribuídas à organização e ao planejamento, como ao próprio desenvolvimento, decorrente, principalmente, da falta de aprofundamento das discussões sobre o estágio no contexto do curso no qual se insere (GISI *et al.*, 2000).

Nesse contexto, por estarmos envolvidos profissionalmente com a gestão do estágio não obrigatório interno na UFPB, interessamo-nos em pesquisar, no âmbito do Mestrado Profissional em Políticas Públicas, Gestão e Avaliação da Educação Superior (MPPGAV), sobre uma temática relacionada ao nosso trabalho. Dessa forma, optamos por investigar esta modalidade de estágio não obrigatório, denominada de bolsa-estágio.

Dessa forma, pesquisamos a experiência dos estagiários-bolsistas na UFPB, especificamente os estudantes de Pedagogia que realizavam atividades não diretamente relacionadas ao ensino, focalizando uma área de atuação diferente à da sala de aula. Tal escolha se deu pelo destaque no número de estagiários do curso de Pedagogia atuando em diferentes setores/projetos da Universidade (MOREIRA; PONTES, 2015), o que nos suscitou interesse em investigar sobre essa experiência formativa.

Portanto, este artigo, que constitui um recorte dos resultados da dissertação desenvolvida no MPPGAV/UFPB, objetiva caracterizar e discutir a motivação e a vivência do estágio não obrigatório dos estudantes de Pedagogia que realizam atividades não diretamente relacionadas ao ensino na UFPB/*Campus* I (João Pessoa).

Metodologia

A pesquisa teve como foco os estagiários do curso de Pedagogia, *Campus* I, contemplados com a bolsa-estágio e que realizavam atividades não diretamente relacionadas ao ensino na UFPB, bem como os seus respectivos supervisores e professores orientadores do estágio e a gestora da Coordenação de Estágio e Monitoria (CEM) vinculada à Pró-Reitoria de Graduação (PRG), pois consideramos que estes são atores estratégicos no processo do estágio em estudo.

Na seleção dos estagiários, realizada no 2º semestre de 2016, preocupamo-nos em incluir estudantes que estivessem cursando ou já tivessem cursado a disciplina obrigatória de “Estágio Supervisionado I”, pois entendemos que a experiência deste componente curricular se relaciona diretamente com nosso objeto de pesquisa,

resultando em alunos matriculados a partir do 4º período letivo do curso. Já os supervisores e os professores orientadores foram selecionados a partir desses estagiários, em que contemplamos, no mínimo, um deles em cada local de estágio.

Ao todo, foram entrevistados 17 (dezessete) sujeitos, sendo uma gestora (Docente da área da Educação), duas supervisoras (Pedagogas), quatro orientadores (Docentes da área da Educação) e 10 (dez) estagiários, vinculados a cinco locais de estágio (unidades concedentes), conforme detalhado e nomeados no quadro a seguir:

Quadro 1 – SUJEITOS ENTREVISTADOS NA PESQUISA

Gestor	Supervisor e Orientador	Estagiário	Local de estágio (Setor/projeto ⁴)	Unidade concedente
Gestora da CEM/PRG	Orientador CE	Estagiário 1-CE	Setor da Direção de Centro	Centro de Educação (CE)
		Estagiária 2-CE	Setor do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero (NIPAM)	
	Supervisora PRG Orientadora PRG	Estagiária 3-PRG	Setor da Coordenação de Estágio e Monitoria (CEM)	Pró-Reitoria de Graduação (PRG)
		Estagiária 4-PRG	Setor da Coordenação de Currículos e Programas (CCP)	
		Estagiária 5-PRG	Setor da Coordenação de Escolaridade (CODESC)	
	Supervisora CCS	Estagiária 6-CCS	Setor da Direção de Ensino da Escola Técnica de Saúde (ETS)	Centro de Ciências da Saúde (CCS)
	Orientadora CPA	Estagiária 7-CPA	Projeto de Avaliação das Políticas Acadêmicas	Comissão Própria de Avaliação (CPA)
		Estagiária 8-CPA	Projeto de Avaliação da Infraestrutura Física	
	Orientadora CIA	Estagiária 9-CIA	Projeto Grupo de Trabalho Empoderar para Crescer	Comitê de Inclusão e Acessibilidade (CIA)
		Estagiária 10-CIA	Projeto Grupo de Trabalho Acessibilidade Pedagógica	

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Com todos os sujeitos, foi realizada uma entrevista semiestruturada, por meio de três roteiros diferentes: um para a gestora da Coordenação de Estágio; um para os supervisores/orientadores e um para os estagiários.

Em seguida, procedemos com a análise de conteúdo⁵ das entrevistas, sob a perspectiva de Bardin (1979), que consistiu em três etapas: *pré-análise* (leitura

⁴ Embora as cinco unidades concedentes pertençam a mesma Universidade, passaremos a nos referir por “Setor”, os locais onde os estágios foram realizados, já que ocorreram em órgãos administrativos do CE, da PRG e do CCS; ao passo que nomeamos por “Projeto” os estágios realizados na CPA e na CIA, pois estes desenvolvem as atividades de estágio através de projetos de pesquisa.

⁵ É um conjunto de técnicas das comunicações visando obter, através de procedimentos sistemáticos e objetos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferir

compreensiva das entrevistas, elaboração dos primeiros pressupostos para a interpretação e escolha das formas de classificação da análise), *exploração do material e tratamento dos resultados* (distribuição de trechos do material nos esquemas de classificação, leitura de diálogo entre as partes dos textos selecionados, inferência e análise dos núcleos de sentido, reagrupamento das partes dos textos por temas e elaboração da redação temática que articulou os temas com as categorias que guiaram a interpretação) e *síntese interpretativa* (texto final que fez dialogar os temas com os objetivos, questões e hipóteses da pesquisa).

Resultados e discussão

Nesse processo, partimos das seguintes categorias sobre as quais nos debruçamos: motivação para oferta do estágio; planejamento do estágio e rotina no estágio.

Motivação para oferta do estágio

Ao indagarmos sobre a motivação para a oferta das vagas do estágio aos estudantes de Pedagogia, a Coordenadora de Estágio ressaltou o interesse de ofertar o estágio contemplando esse curso, devido ao perfil do mesmo favorecer a atuação dos egressos também em espaços fora da sala de aula, conforme relato a seguir:

O curso de Pedagogia, embora seja um curso de Licenciatura em Pedagogia, sendo para formar professores [...] é um curso que atualmente ele está tendo uma, em termos de ofertas de atuação, ampliação. Haja vista os tribunais, a área jurídica, que está requerendo o estudante de Pedagogia *em quase todos os setores*. Então, *não é só aqui na universidade que o estudante está fora da sala de aula*. [...] Ele pode ser um gestor, ele tem que entender de ensino, tem que entender um pouco de administração. Tanto é que ele tem a disciplina de gestão educacional [...]. Então esse aluno ele tem que ter essa formação. *Ele poderá ser um gestor de uma escola [...] atuar em setores administrativos da área jurídica [...] atuar até nas forças armadas*, há alunos de Pedagogia fazendo concurso para as forças armadas. [...] Logo, se a universidade tem a possibilidade de oferecer, eu acho que isso deve ser aproveitado. [...] *O Pedagogo ele tem uma formação muito completa*, então ele não pode ficar restrito só a sala de aula não, que é o principal da vida dele, mas não só isso. (Gestora da CEM/PRG, grifo nosso).

conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 1979, p. 42).

Por atuar em nível estratégico, à frente do setor responsável pela política institucional de estágio na UFPB, a Coordenadora de Estágio tem acesso privilegiado a dados sobre os estágios na Universidade. Segundo ela, o estudante de Pedagogia tem sido priorizado em setores na oferta de bolsas-estágio por possuir uma formação que ultrapassa os limites da sala de aula. Tal entendimento vai ao encontro da compreensão de Libâneo (2010) ao ressaltar que, em todo lugar onde houver uma prática educativa com caráter de intencionalidade, há, aí, uma Pedagogia.

Nesse sentido, conforme referência da gestora da Coordenação de Estágio às contratações do estágio não obrigatório externo, desde a área jurídica até a área da segurança, também há essa tendência nas contratações para o estágio não obrigatório interno na UFPB de estudantes de Pedagogia em seus próprios setores administrativos e acadêmicos.

Complementarmente, as supervisoras e os orientadores do estágio reforçam esta percepção sobre a abrangência da formação dos estudantes de Pedagogia, sobretudo quando no âmbito do Setor/projeto há um profissional da mesma área. Também se referiram à necessidade desse estudante ser contemplado com o estágio, como demonstrado nos seguintes excertos:

A demanda surgiu do nosso setor. Como Pedagogia é minha área de formação, então [...] pensei já no perfil de um estagiário de Pedagogia para contribuir nos processos de ensino-aprendizagem da monitoria. Pra ver esse outro lado, o lado da gestão de um programa. Então eu pensei nisso, em um estagiário para contribuir com o setor e também com a formação dele. Ele está experimentando, vivenciando as atribuições de um gestor. (Supervisora PRG).

Quando eu vim trabalhar aqui [...] A servidora que estava lotada e que trabalhava na direção de ensino [...] ia sair da Escola Técnica de Saúde [...] Então, durante um mês ela me passou os trabalhos, os processos e saiu. *Então eu cheguei nova no setor, sem conhecer nada e já fiquei só. Foi aí que surgiu a necessidade de um estagiário de Pedagogia.* [...] Até então não existia estagiário de Pedagogia aqui na ETS. Não fui eu que sugeri, mas a diretora que percebeu a necessidade e ofereceu a vaga. (Supervisora CCS, grifo nosso).

[...] nós criamos aqui na CPA [...] o Núcleo de Projetos da CPA. Com a criação desse núcleo [...] professores do CE, em 2015, participaram dessa seleção, além de professores de outros centros. [...] Eles fizeram a seleção dos seus alunos, daí terem surgido alunos da Pedagogia, especificamente. [...] Então, é nessa relação dos projetos selecionados pelo Núcleo de Projetos que adentra os estudantes da Pedagogia, especificamente. (Orientadora CPA).

São duas situações diferentes. A coordenação do GT de Acessibilidade Pedagógica é uma Pedagoga que coordena, aí o CIA está pensando em todas as ações de acessibilidade pedagógicas [...] Então eu acredito que não tem ninguém melhor do que um Pedagogo pra poder orientar isso. [...] Com relação ao empoderar, ele é um projeto que envolve três áreas: a Terapia Ocupacional, a Fonoaudiologia e a Pedagogia. Porque quando você está trabalhando com deficiência intelectual, você tá trabalhando com letramento também. Então o papel da Pedagogia, junto com a Fono, no desenvolvimento do letramento desse jovem, eu também entendo que outra profissão não poderia fazer. (Orientadora CIA).

Percebemos que não apenas a necessidade do setor/projeto contribui para a oferta de vagas aos estudantes de Pedagogia, mas também, a partir da compreensão da formação ampla que o curso proporciona. Assim, ele possui uma formação que o credencia a atuar em espaços para além da sala de aula, pois o Pedagogo é um profissional apto a atuar em várias modalidades de práticas educativas, que extrapolam os limites da docência (FRANCO, 2003; LIBÂNEO, 2001; 2010; PIMENTA, 2012).

Quanto à motivação dos estagiários para participar da seleção da bolsa-estágio, foram relatadas, espontaneamente, na fala de três entrevistados o interesse em atender às suas necessidades pessoais e acadêmicas, conforme citações a seguir:

[...] Participei da seleção porque eu já tinha feito um estágio em gestão também, que era o PROMEB [...] em uma escola estadual. Então, *eu queria ampliar mais esse conhecimento em gestão* e por isso eu me inscrevi pra seleção que tinha aqui. (Estagiário 1-CE, grifo nosso).

Eu trabalhava em comércio e já não aguentava mais, devido a carga horária [...]. E eu preciso trabalhar [...] pois sou casada e tenho que ajudar ao meu marido. Queria sair do trabalho, mas *ter alguma outra forma de ganhar alguma coisa* [...] não era essas coisas toda no comércio, mas *queria um tempo para estudar*, pois eu não estava tendo e começou a me prejudicar [...] Era o dia todo, saía correndo de lá pra universidade, de noite eu já estava sem aguentar pra estudar de madrugada. [...] (Estagiária 6-CCS, grifo nosso).

Eu sou casada e tenho filho. Então pra gente na universidade é muito complicado conseguir um estágio, porque a maioria dos professores já recuam e acham que você não tem condições de assumir. E quando eu soube desse estágio foi na sala de aula, a professora falou que abriu o projeto e que iria ter uma vaga. Eu me interessei, fiz a inscrição [...] fui selecionada, passei, e assim, deu certo. (Estagiária 9-CIA).

Observa-se que a bolsa-estágio é vista, pelos estudantes, como uma oportunidade de melhor conciliar a necessidade de uma fonte de renda com as atividades do curso (Estagiária 6-CCS e 9-CIA), bem como o desejo de aperfeiçoar seus conhecimentos em uma área específica da Pedagogia (Estagiário 1-CE). Conforme

salienta Prado (2012, p.58), é muito comum os estudantes do curso de Pedagogia, ao considerarem o estágio de caráter não obrigatório, terem uma visão equivocada ao acreditar que “é hora de ganhar um dinheiro a mais para o complemento da renda familiar mensal”.

Nesse sentido, apesar de divergirem, percebemos que as motivações para o estágio sob o ponto de vista dos diferentes sujeitos são complementares, pois os entrevistados apontam contribuições da bolsa-estágio tanto para a própria instituição, na visão da Coordenadora de Estágio, das supervisoras e dos orientadores, quanto para a permanência e o êxito escolar⁶ do estudante na Universidade, na perspectiva dos estagiários.

Portanto, os relatos vão ao encontro do que salienta Wittmann e Trevisan (2008), que demonstram as vantagens do estágio não obrigatório para todos os envolvidos nesse processo: para a unidade concedente, porque contribui com o espírito de criatividade das novas gerações de estudantes e para a redução nos custos; para a instituição de ensino, porque o estágio é importante para aperfeiçoar os conteúdos curriculares; e, para o aluno, porque facilita a transição da vida estudantil para a profissional.

Planejamento do estágio

Quanto à oferta da vaga, ao processo seletivo e ao início das atividades, os estagiários destacaram, em sua maioria, que ficaram cientes da seleção por meio de páginas eletrônicas, conforme a “Estagiária 3-PRG” que relatou “fiquei sabendo do processo através da página da UFPB” e o “Estagiário 1-CE” que relatou “fiquei sabendo pelo site do Centro de Educação”, ou mesmo fisicamente em quadro de avisos na Instituição.

Os estagiários participaram da seleção em observância às etapas previstas em edital e iniciaram rapidamente suas atribuições propostas: “depois da seleção, foi rápido o início do estágio. [...] teve a publicação da lista do resultado no site da PRG e foi assim que eu soube. Vinha dizendo que a gente devia trazer a documentação [...]” (Estagiária 3-PRG).

⁶ Para Perrenoud (2003, p.10), “[...] obtêm êxito aqueles que satisfazem as normas de excelência escolar e progredem nos cursos [...]”. Portanto, consideramos por permanência o período em que a matrícula do estudante permanece ativa e por êxito escolar a conclusão com qualidade do seu curso.

Apesar de percebermos que há uma padronização na forma como ocorre a seleção dos estagiários para a bolsa-estágio, três dos entrevistados relataram uma forma diferente da mencionada anteriormente, a saber:

[...] antes de virar estagiária da bolsa-estágio, primeiro a gente entra pelo PROLICEN, pra ser bolsista. Passa os 8 meses, que são do PROLICEN, e se nesses 8 meses a gente desenvolver um trabalho bom e a professora ver que realmente a gente está disposto, aí sim ela faz a bolsa-estágio com a gente. Se ela vê que nesses 8 meses do PROLICEN não teve tanto desenvolvimento, aí não ela já abre pra outra pessoa. (Estagiária 4-PRG).

Eu fui selecionada por conta que eu já estava com a professora [...] em outros projetos aqui. Então como eu já estava há algum tempo e estava sem bolsa, então não teve uma seleção, eu já fui direto, levei a documentação e iniciei. (Estagiária 7-CPA).

Eu era do PROLICEN, junto com a professora [...] e ela sempre coordenou esse GT, Grupo de Acessibilidade Pedagógica na CIA. Aí como eu era voluntária do PROLICEN, a coordenadora [...] de lá do comitê pediu pra professora selecionar um dos que já andavam com ela, que já caminhava no PROLICEN. Então como eu não tinha bolsa na época e era só voluntária, ela foi e me indicou. (Estagiária 10-CIA).

Aqui, identificamos uma possível problemática, pois percebemos que a tentativa de contemplar estudantes voluntários de programas acadêmicos com a bolsa-estágio impossibilita a igualdade de oportunidades para os demais interessados. Esses casos, mesmo sendo minoria, possivelmente representam a falta de regulamentação no que se refere à seleção dos estagiários na UFPB, pois o que se tinha até pouco tempo eram apenas orientações da Coordenação de Estágio por meio de memorando circular.

Entretanto, a partir da publicação da Instrução Normativa Conjunta PROGEP/PROPLAN/PRG/GR N° 01, de 20 de setembro de 2016, seu artigo 4° disciplinou que “a seleção dos estagiários deverá ser realizada por edital público, organizada de forma descentralizada por cada [...] unidade concedente” com “publicação na página principal da Instituição e do local de estágio, quando este existir [...]”. Apesar disso, a julgar por alguns depoimentos, este processo ainda está marcado por situações em que a indicação/conhecimento influencia em alguma medida a seleção dos estagiários para determinadas vagas disponíveis.

Ainda sobre a temática do planejamento no estágio, ao questionarmos a Coordenadora de Estágio, as supervisoras e os orientadores sobre a forma de elaboração do Plano de Atividades de Estágio (PAE), observamos que há um diálogo entre a tríade orientador-supervisor-estagiário. Entretanto, sem a participação da Coordenação de

Estágio, pois esta executa apenas um papel na análise⁷ das atividades propostas, conforme percebido nos trechos a seguir:

Isso vai depender do setor onde ele está inserido, onde ele está realizando o estágio. [...] geralmente, todas essas atividades elas são lidas e observadas aqui na CEM e a gente tenta às vezes adequar. Às vezes eu faço alteração um pouco no que vem determinado pra o aluno fazer, até mesmo de outros cursos. E isso precisa ser realmente observado [...] (Gestora da CEM/PRG).

Nós pensávamos numa proposta a partir dos interesses da instituição e, a partir disso, nós sentamos pra discutir e dizer [...] “o projeto da instituição é esse e você pode contribuir onde?” [...]. (Orientador CE).

As atividades foram pensadas conjuntamente [...] Então esse plano é algo flexível, a cada período no setor vai aparecendo uma demanda diferente. (Supervisora PRG).

É salutar destacar que, apesar de o PAE ser um documento intrínseco ao estágio, sua formalização, à primeira vista, não enrijece a execução das atividades, pois seu planejamento está sendo negociado e pensado coletivamente entre a tríade orientador-supervisor-estagiário; outrossim, o seu cumprimento pode ser flexibilizado durante esse processo formativo.

Tal flexibilização se dá porque, como ressalta Vasconcellos (2008, p. 80), o “[...] planejamento, enquanto processo, é permanente. O plano, enquanto produto é provisório.” Nesse sentido, o plano é um produto do planejamento, e este, por sua vez, “é o processo, contínuo e dinâmico, de reflexão, tomada de decisão, colocação em prática e acompanhamento”. Assim o PAE, no contexto educacional do estágio, deve ser inevitavelmente flexível. Nesse sentido, Libâneo (2013, p. 247) reitera: “para que os planos sejam efetivamente instrumentos para a ação, devem ser como um guia de orientação e devem apresentar ordem sequencial, objetividade, coerência, flexibilidade”.

Apesar da Coordenação de Estágio não participar desse diálogo na definição do Plano, consideramos fundamental seu papel no processo, pois demonstra que a gestão do Estágio na Universidade compreende que essa atividade precisa estar vinculada ao contexto curricular do curso do estudante, em consonância ao que determina a própria definição de estágio, presente no artigo 1º da Lei de Estágio: “o estágio faz parte do projeto pedagógico do curso” e visa “à contextualização curricular” (BRASIL, 2008, p.

⁷ Nessa análise, é verificado se a documentação submetida está em consonância com o que determina a legislação em vigor, tais como: matrícula e frequência regular; celebração do Termo de Compromisso de Estágio – TCE; designação do supervisor e do professor orientador de estágio (com formação na área do curso do estudante); descrição das atividades constantes no PAE (vinculadas ao contexto do Projeto Pedagógico do Curso – PPC); entrega do relatório semestral.

1). Dessa forma, tende a evitar, em alguma medida, possíveis desvios do que se pretende com o estágio e, assim, visa resguardar o viés formativo desta atividade, considerando que o estagiário é, antes disso, um estudante.

Rotina no estágio

Quando questionada acerca da existência de uma preparação/orientação para o estágio por meio de formações/capacitações, a Coordenadora de Estágio relatou a tendência de cada setor/projeto desenvolver sua própria estratégia/metodologia. Entretanto, reconheceu a necessidade e a importância de desenvolver ações que melhor contemplem essa demanda:

Essa formação é feita in loco, os próprios gestores que recebem os estagiários-bolsistas vão orientando e essa formação é feita. Agora uma formação assim, extra, um curso, uma oficina, isso ainda não foi realizado aqui na PRG. É uma das sugestões nossa, que isso [...] aconteça, em um futuro bem próximo [...], porque realmente eu sinto que eles estão um pouco soltos. Então a gente precisa fazer com que esses alunos tenham mais uma consciência do que é ser um estagiário-bolsista [...]. E essa formação principalmente não só para o aluno, mas para o administrador do estagiário-bolsista em cada setor. [...] Enfim, todas as questões que dizem respeito ao estagiário, acho que isso seria importante que fosse debatido em uma formação. (Gestora da CEM/PRG, grifo nosso).

No que pese a importância de uma melhor formação que prepare o estudante para iniciar suas atividades no campo de estágio, é importante, também, pensar em formações voltadas para os servidores, supervisores e professores orientadores de estágio, para que estes compreendam o objetivo do estágio e as atribuições que devem assumir para desempenhar o acompanhamento pedagógico.

Em conformidade com o relato da gestora da Coordenação de Estágio, em que cada setor/projeto define sua própria estratégia/metodologia de capacitação/formação para o estágio, as supervisoras, os orientadores e os estagiários, descreveram que – no caso dos estágios nos setores do CE, da PRG e do CCS – houve apenas reunião e supervisão/orientação durante a inserção no próprio serviço.

[...] esse treinamento ele é feito em serviço por mim. Não por alguém que venha de fora. Eu vou fazendo com ela, mostrando. [...] As coisas que ela faz sozinha são mais básicas e mais simples, são coisas que não possam gerar um erro na base de dados do sistema. (Supervisora CCS, grifo nosso).

[...] foi só a inicial de chegar e perceber como era que tudo acontecia
[...] Eu sentei com duas pessoas do setor sim, setor administrativo
daqui do CE. As reuniões sim, *a gente faz uma reunião quinzenal* [...].
(Estagiário 1-CE, grifo nosso).

[...] não passei por nenhum treinamento [...] Fui selecionada, aí já fui
para o setor e a supervisora foi quem ficou responsável por todas as
funções que eu deveria desenvolver lá dentro. *Mas foi algo bem da
rotina, que foi sendo criado lá dentro do estágio.* (Estagiária 3-PRG,
grifo nosso).

Ressaltamos que não devemos incorrer no perigo de conceber o estágio apenas como uma oportunidade de “treinamento em serviço”, no sentido tradicional da expressão, uma vez que representa, essencialmente, uma oportunidade de integração com o mundo do trabalho, no aprendizado da troca de experiências. Conforme complementa Kulcsar (2012, p. 59), o estágio não pode ser entendido como uma tarefa burocrática a ser executada formalmente. “Deve, sim, assumir a sua função prática, revisada numa dimensão mais dinâmica, profissional, produtora, de troca de serviços e de possibilidades de abertura para mudanças”.

Já no caso do estágio nos projetos da CPA e da CIA, as orientadoras e os estagiários relataram reuniões/capacitações realizadas antes de iniciar as atividades, como retratado nos trechos seguintes:

Nós fizemos uma primeira semana só de formação, porque geralmente [...] eles chegam aqui sem saber o que é a CPA. [...] Então, nós fazemos toda essa formação inicial para que eles entendam o que é o SINAES, quais são os instrumentos, a importância do estágio. (Orientadora CPA).

Houve sim formação. A nossa supervisora, antes da gente começar, cada um estagiar no seu setor, ela se reuniu com a gente mais de três dias, explicando o que era a CPA, o que significa cada coisa, o que a gente iria fazer, o setor de cada um, ela treinou a gente mais ou menos uma semana. (Estagiária 8-CPA).

A gente tem reunião no CIA, que são semestrais ou quando eu tiver demandas [...] Sempre no começo do estágio [...] eu faço uma capacitação com todos [...] é um momento de integração [...] Mas as reuniões mais periódicas acontecem diretamente com os supervisores. [...] Essas reuniões tem uma periodicidade que varia de bimestral a mensal, dependendo da demanda que a gente tenha pra poder resolver. (Orientadora CIA).

Quanto às formações, quando eu paguei a disciplina de educação especial, dali eu já tive um conhecimento, e a professora [...] sempre me orienta a cada semana. E antes de começar o projeto a professora

[...], que é a coordenadora do CIA, ela capacitou a gente. Nós tivemos duas capacitações [...]. (Estagiária 9-CIA).

Ressaltamos que, conforme aponta Soares (2009), o desenvolvimento de saberes e atitudes inerentes à prática Docente e do Pedagogo não são adquiridos em “capacitações” e “treinamentos” baseados na racionalidade técnica e pautados no “dever ser”. Resultam da articulação de condições objetivas e subjetivas; institucionais e pessoais; políticas; culturais; cognitivas e emocionais. Portanto, é um processo complexo que exige não apenas uma formação “inicial”, mas atravessa toda a trajetória profissional dos professores.

Nesse sentido, ao analisarmos o início do estágio nas cinco unidades investigadas, a CPA e a CIA, por estruturarem o estágio por meio de projetos⁸, estão realizando reuniões/capacitações iniciais de uma forma mais planejada e, possivelmente, estão supervisionando/orientando mais sistematicamente os estagiários e possibilitando uma experiência mais formativa aos estudantes, quando comparado às demais unidades – CE, PRG, e CCS. Nessa perspectiva, em uma concepção contemporânea do estágio, alguns autores defendem o desenvolvimento do estágio articulado à pesquisa. Para Pimenta e Lima (2012, p. 219),

A realização de estágios sob a forma de projetos de pesquisa, de interação e de intervenção mostra-se como um caminho teórico-metodológico que melhor possibilita a concretização dos fundamentos e objetivos do curso: proceder à mediação entre o processo formativo e a realidade e a realidade no campo social.

Nesse sentido, Ghedin, Oliveira e Almeida (2015, p.40) salientam que essa proposta é capaz de “[...] aliar a pesquisa aos processos formativos, em projetos emancipatórios e comprometidos [,] constituindo-se como trabalho pedagógico significativo [...]”. Para aperfeiçoar esse processo, Pimenta e Lima (2012, p. 215) apontam que, a perspectiva do estágio como pesquisa da realidade sinaliza para a necessidade de

[...] considerar o planejamento, o desenvolvimento e a avaliação dos estágios um projeto orgânico no projeto pedagógico coletivo do curso de formação e um processo negociado e compartilhado entre os professores orientadores, os estagiários e as escolas. Dessa forma, o

⁸ Assim como Vasconcellos (2008, p.43), também compreendemos projeto como “um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano [...] só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica, científica e, o que é essencial, participativa. É uma metodologia de trabalho que possibilita ressignificar a ação de todos os envolvidos”.

projeto de estágio pode se constituir em projeto de pesquisa colaborativa da prática dos envolvidos.

Portanto, identificamos uma primeira lacuna na gestão do estágio, onde há uma demanda (estagiários e supervisor/orientador) e uma possibilidade (gestora da Coordenação de Estágio) de fortalecer a integração da tríade Gestão/Supervisor-Orientador/Estagiário, favorecendo, possivelmente, uma melhor experiência formativa. Portanto, “quanto mais claros forem os fundamentos, a natureza e os objetivos do estágio, suas possibilidades e limites curriculares, mais fácil fica a compreensão do processo” (PIMENTA; LIMA, 2012, p.105) e, nesse sentido, a gestão da Coordenação de Estágio e o local/projeto poderão sistematizar melhor uma formação inicial, de caráter geral e/ou específico, seja por meio de reunião/capacitação ou de projetos.

Ainda quanto à rotina no estágio, inicialmente, faz-se necessário destacar que, das cinco unidades concedentes investigadas, as supervisoras, os orientadores e os estagiários de três – CE, PRG e CCS – relataram que as atividades são realizadas de segunda à sexta, durante quatro horas por dia, em um mesmo ambiente físico. Já nas outras duas – CPA e CIA – foi relatado maior flexibilidade e autonomia no cumprimento da carga horária, pois estão empenhados em desenvolver o estágio por meio de um projeto de pesquisa, sendo esta experiência, portanto, mais dinâmica.

Também percebemos que, no primeiro grupo de unidades concedentes – CE, PRG e CCS – as atividades relatadas aproximam-se às relacionadas à gestão segundo a perspectiva propriamente administrativa, em detrimento de uma gestão de caráter abrangente e interativa, pois “coloca a administração como uma dimensão de papel subsidiário para a ação educacional, no contexto de várias outras dimensões da gestão” (LUCK, 2009, p.106), conforme demonstrado nos trechos a seguir:

Ela cuida da agenda do auditório, [...] atende os alunos que vêm pedir alguma informação, no sentido de histórico, informações básicas. [...] a gente vai criar uma turma no SIGAA. Tem que inserir as datas, os dias da semana. Sempre ela senta do meu lado e a gente vai conferindo. [...] os docentes pedem uma declaração da carga horária trabalhada, que essa é buscada nos arquivos da escola, quem costuma fazer é ela. [...] as demandas surgem de acordo com o transcorrer do semestre. [...] (Supervisora CCS).

Todos os dias são coisas diferentes. Lá a gente trabalha muito com computador, a gente arquiva documentos, lista alguns livros, DVDs, mas no geral é bem tranquilo. [...] Tem certificados que a gente ajuda a pegar os dados dos alunos. [...] Atendimento ao público, a gente tira dúvidas, eu ficho alguns documentos lá. [...] (Estagiária 2-CE).

Diariamente, certificados e declarações, com atendimento ao público, retirada de dúvidas, respostas por e-mail [...] Semanalmente, arquivar documentação da monitoria [...] Mensalmente, seria mais a atualização do banco de dados, por conta da frequência dos monitores [...] Documentação de monitores desistentes, [...] E na organização do ENID, que foi uma preparação diferente, pois precisou de toda uma equipe [...]. (Estagiária 3-PRG).

Já no segundo grupo de unidades concedentes (CPA e CIA), as atividades são mais diretamente relacionadas à formação do Pedagogo como Pesquisador, contemplando a participação em reuniões, organização de eventos, planejamento, aplicação de instrumentos de pesquisa, estudos e relatórios. Entretanto, indiretamente, entendemos que tais experiências também contribuem para a formação das demais dimensões do curso, conforme Vieira (2011) que evidenciou os conceitos de docência, gestão e conhecimento como articuladores do novo perfil do Pedagogo, quando realizou estudo acerca das DCNP. Nesse sentido, destacamos:

Eles têm reuniões semanais com seus orientadores, que são os coordenadores dos projetos, onde é feito todo o planejamento, a meta a ser alcançada, e a organização dos instrumentos que vão ser utilizados. A partir dali, é feita a aplicação desses instrumentos. [...] Agora, por exemplo, nós estamos recebendo o relatório parcial das atividades feitas [...] E, no semestre que vem, eu vou receber o relatório final de todos esses projetos. (Orientadora CPA).

No empoderar cada estagiário acompanha duas pessoas com deficiência intelectual em quatro turnos [...] Tem um dia que é de supervisão para discutir o que aconteceu na semana e planejar a próxima. [...] No caso do GT de Acessibilidade Pedagógica, foram várias ações que a gente fez esse ano. [...] nós fizemos uma campanha de conscientização [...] E aí o estudante de Pedagogia ele dizer e explicar sobre o Braille, a questão da Libras, sobre as adaptações que existem para os professores incluírem esses alunos. (Orientadora CIA).

Eu não tenho aquele horário e dia fixo. No meu estágio, como a gente trabalha com projetos [...] a gente trabalha mais com a questão pedagógica da acessibilidade dos estudantes e dos professores também. [...] Eu como sou estagiária, eu só acompanho, faço estudos, pesquisas, mas eu não atuo diretamente no atendimento das pessoas com deficiência. [...] Então esses trabalhos são mais feitos em casa, mas também tem o ambiente da professora [...] que ela disponibiliza para estudos. (Estagiária 10-CIA).

Nesse sentido, os estagiários desenvolvem uma diversidade de atividades que, a depender do setor ou do projeto de estágio, vão desde o atendimento ao público e ao acompanhamento pedagógico de pessoas com deficiência, até a produção/difusão de conhecimentos científicos relacionados à área da Educação.

Dessa forma, observamos que os relatos dos estagiários e das suas respectivas supervisoras e orientadores do estágio estão em consonância e caminham no sentido de indicar que o estágio, dependendo do setor/projeto, apesar de ser desenvolvido na mesma Instituição, apresenta suas peculiaridades e, portanto, possibilita um leque diversificado de experiências formativas. Variam, portanto, desde experiências mais formativas na ótica das várias dimensões da gestão e da pesquisa, até rotinas mais burocráticas segundo a dimensão mais restrita de gestão, de cunho administrativo-burocrático.

Considerações finais

A UFPB, na condição de instituição de ensino e, ao mesmo tempo, de unidade concedente de estágio, propicia uma oportunidade de melhor articular a teoria-prática em seu próprio ambiente de trabalho. Nesse contexto, insere-se o estudante de Pedagogia que, com formação integral para atuação não apenas na docência da sala de aula, extrapola esse espaço físico e realiza estágio não obrigatório em diversos setores administrativos (CE, PRG e CCS) e em projetos acadêmicos (CPA e CIA) da Instituição.

No âmbito dessa experiência, são planejadas atividades não diretamente relacionadas ao ensino e, portanto, permeadas por uma rotina em uma área de atuação diferente à da sala de aula, permitindo ao estudante de Pedagogia uma vivência diferenciada que o possibilita articular a docência às demais dimensões do curso: a gestão educacional e a pesquisa.

Percebemos que, apesar da Instituição ofertar vagas de estágio a partir de uma motivação distinta das pretensões dos estudantes de Pedagogia, ainda assim, essa experiência proporciona aos estagiários-bolsistas uma vivência que certamente contribui com sua formação, embora o seu planejamento e desenvolvimento ainda careça de aperfeiçoamento.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRASIL. **Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes e dá outras providências. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm>. Acesso em: 29 de dez. 2017.

_____. **Orientação Normativa MPOG N° 2, de 24 de Junho de 2016**. Estabelece orientações sobre a aceitação de estagiários no âmbito da Administração Pública federal direta, autárquica e fundacional. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://www.lex.com.br/legis_27161283_ORIENTACAO_NORMATIVA_N_2_DE_24_DE_JUNHO_DE_2016.aspx>. Acesso em: 29 de dez. 2017.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia como ciência da educação**. Campinas: Papirus, 2003.

GHEDIN, Evandro; OLIVEIRA, Elisangela Silva de; ALMEIDA, Whasgthon Aguiar de. **Estágio com pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2015.

GISI, Maria de Lourdes et al. Organização e planejamento de estágios. **Revista Diálogo Educacional** - v. 1 - n.2 - p.1-170 - jul./dez. 2000. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=712&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 29 de dez. 2017.

KULCSAR, Rosa. O estágio supervisionado como atividade integradora. In: PICONEZ, Stela C. Bertholo (Coord.) et al. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. 24. ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n. 17, p.153-176, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>>. Acesso em: 29 de dez. 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LUCK, Heloísa. **Dimensões da gestão escolar e suas competências**. São Paulo: Fundação Lemann, Editora Positivo, 2009.

MOREIRA, Alan Leite. PONTES, Ana Paula Furtado Soares. **O estágio curricular supervisionado não-obrigatório desenvolvido no âmbito da UFPB: primeiras aproximações**. In: Colóquio Internacional de Pesquisas em Educação Superior (COIPESU), III, 2015, João Pessoa. Disponível em: <<http://www.coipesu.com.br/upload/trabalhos/2015/17/o-estagio-curricular-supervisionado-nao-obrigatorio-desenvolvido-no-ambito-da-ufpb-primeiras-aproximacoes.pdf>>. Acesso em 13 nov. 2016.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?**. 11. ed. - São Paulo: Cortez, 2012.

_____. LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7. ed. - São Paulo: Cortez, 2012.

PRADO, Edna. **Estágio na licenciatura em pedagogia**: gestão educacional. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2012.

SOARES, Sandra Regina. Pedagogia universitária: campo de prática, formação e pesquisa na contemporaneidade. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (Org.). **Educação e contemporaneidade**: pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: EDUFBA, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB). **Instrução Normativa Conjunta PROGEP/PROPLAN/PRG/GR N° 01/2016**. Dispõe sobre os procedimentos relativos à solicitação da contratação de estagiários, modalidade de estágio curricular supervisionado não-obrigatório interno (bolsa-estágio), para o âmbito dos setores administrativos e acadêmicos da UFPB. João Pessoa, PB, 2016. Disponível em: < <http://www.prg.ufpb.br/prg/cem/estagio/documentos/bolsa-estagio-ufpb-instrucao-normativa-conjunta-n-01-de-20-09-16.pdf>>. Acesso em: 29 de dez. 2017.

_____. **Resolução CONSEPE N° 16/2015**. Aprova o regulamento dos cursos regulares de graduação da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, PB, 2015. Disponível em: < http://www.prg.ufpb.br/prg/codesc/documentos/legislacao/rsep16_2015.pdf/view>. Acesso em: 29 de dez. 2017.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. São Paulo: Libertad Editora, 2008.

VIEIRA, Suzane da Rocha. Docência, Gestão e Conhecimento: conceitos articuladores do novo perfil do pedagogo instituído pela resolução CNE/CP n. 01/2006. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.44, p.131-155, dez. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639982>>. Acesso em: 29 de dez. 2017.

WITTMANN, Milton Luiz; TREVISAN, Marcelo. **Estágios extracurriculares**: identificação dos resultados na formação de Administradores. 2008. Disponível em: < http://www.angrad.org.br/_resources/files/_modules/producao/producao_709_201212051834228e9c.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2016.

Enviado em: Mar. 2017.

Aceito em: Ago. 2017.

Como referenciar este artigo:

MOREIRA, Alan Leite; PONTES, Ana Paula Furtado Soares. O estágio para estudantes de Pedagogia na UFPB: motivações e vivência. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 4, n. 9, p. 79-97, set/dez, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/issue/archive>>. e-ISSN: 2359-2087.